Prefacio do Traductor

> Rien n'est plus facile à germer, que l'erreur, et, quand elle a pris racine, elle possède la toute puissance des dogmes religieux.
>
> G. le Bon.

I

Para indicar que uma crença religiosa é manifestamente absurda e reflecte uma ideação grosseira, emprega a linguagem vulgar o termo depreciativo de *superstição*. Reconhecido, porém, que, no fundo, sempre o acto de fé se reduz logicamente a uma affirmação em que a realidade e as concepções subjectivas se confundem, e, psychologicamente, a um estado mental caracterisado pela capitulação do senso critico em face de certas emoções, todas as crenças religiosas se equivalem como documentos de uma atrazada si-

tuação de espirito; e assim é que na linguagem culta o mesmo termo pejorativo começou a designal-as indistinctamente.

Mas não é só em relação ao sobrenatural que o espirito pratica verdadeiros actos de fé: chimeras politicas ha, por exemplo, que se não distinguem das crenças religiosas e que merecem, tanto como ellas, o nôme de superstições.

Comparem-se, no ponto de vista do estado mental, o *sectario* e o *fanatico:* a mesma inabalavel certeza os domina, o mesmo enthusiasmo os estimula á acção, a mesma intolerancia os caracterisa, as mesmas pavorosas contradicções, de que se não apercebem, os distinguem na efficiencia da propaganda. Distanciados por seculos, um cruzado, um jacobino, um communista e um acráta sam, todavia, a mesma féra; o que varía, é apenas a presa: o infiel, n'um caso, o realista, o nobre ou o burguez, nos outros. O appetite d'este fouveiro é o desejo de nivelar pela chimera do proprio espirito o espirito dos outros; exasperado pelas resistencias, que lhe não permittem saciar-se, esse appe-

tite faz-se intolerancia. As garras do monstro famelico sam todos os processos de perseguição e de exterminio; e é empregando-as que elle se revela na plenitude absoluta da sua *missão*. Porque, no fundo, ou chacine, invocando a misericordia de um *Deus*, ou encarcére em nome da *Liberdade*, ou tyrannise, persiga e incendeie para fazer triumphar e resplandecer a *Egualdade*, o monstro é sempre, confessadamente, o instrumento submisso de um *idolo*.

A razão fundamental d'esta profunda similhança entre os fanaticos da religião e da politica, reside na identidade do processo por que se attingem todas as certezas indemonstraveis e que consiste na objectivação de imagens mentaes provocadas por intensos estados emotivos do espirito humano em conflicto com o seu duplo meio, cosmico e social. Emquanto abalos centraes, estes estados tendem, por uma lei de psychophysologia, a exteriorisar-se em actos defensivos ou offensivos; todavia, porque sam intensos, não se propagam apenas na esphera motriz, mas invadem o campo da ideação, onde pro-

vocam representações subordinadas de uma tão grande vivacidade que o espirito absolutamente as confunde com as que, por via perceptiva, derivam da ordem real. Ora é precisamente n'esta confusão irreductivel que reside a crença, qualquer que seja o seu objecto.

Este processo psychologico, denunciando a génese de todas as superstições, permitte ao mesmo tempo comprehender a intolerancia e a energia praticante dos verdadeiros crentes.

Reconhecendo um inalteravel accordo entre os seus estados ideativos e emocionaes, o fanatico, religioso ou politico, não considera analogo a si e seu similhante o homem que não sente essa profunda e tão caracteristica harmonia psychica. Ora, como da analogia moral, muito mais que da physica, deriva a sympathia (o que manifestamente resalta do contraste entre a ternura que nos inspiram os animaes domesticos e a repulsão que nos provocam os criminosos), o fanatico não pode sentir pelo infiel disposições diversas das que lhe suscita o representante de uma es-

pecie inimiga. Os seus similhantes sam os homens da mesma crença; os indifferentes ou de crença diversa constituem a massa dos inimigos a exterminar. *Quem não é por mim, é contra mim*, diz uma formula historica; *crê ou morre*, diz, logicamente, uma outra. E as duas não fazem senão evidenciar que a intolerancia é a expressão de uma invencivel antipathia tendo por base o reconhecimento de uma dissimilhança psychica.

A prodigiosa energia dos crentes na difusão das suas chimeras deriva de que as idéas despertadas pelas emoções se integram com estas na constituição de uma tendencia, ou, em termos menos abstractos, de que os abalos centraes emotivos, a que ha pouco nos referiamos, dirigindo-se para as regiões de incitação motora, provocam nos districtos da ideação movimentos que se lhes junctam, reforçando-os. Emquanto tributarias das suas emoções, todas as idéas do crente pertencem ao grupo das que tendem a provocar movimentos e que a psychologia denomina *idéas-forças*. E esta é a razão por que, com

verdade, se poude affirmar que *a fé desloca montanhas*.

Opposto ao que eschematicamente vimos de apresentar como gerador de superstições, é o processo mental por que se attingem as certezas scientificas. Partindo da observação dos phenomenos para o conhecimento do seu condicionalismo e das suas leis, este processo não suppõe senão elementos d'ordem intellectual. A emoção não desempenha n'elle um papel; e o mesmo sentimento de prazer, que naturalmente acompanha o exercicio das funcções cognitivas, sobretudo se elle conduz á verdade, é derivado e secundario. Da ausencia da emoção resulta o silencio da esphera propriamente motriz; no processo que descrevemos, toda a energia nervosa se consome na ideação.

Contradictorios, os dois processos psychologicos não só conduzem a resultados oppostos — a superstição, n'um caso, a certeza demonstravel no outro, mas, como é facil prevêr, imprimem caracteres divergentes aos espiritos que habitualmente os empregam.

Assim, ao inverso do crente, o homem de sciencia é essencialmente tolerante. É-o, antes de tudo, porque, não sendo aprioristicas e dogmaticas, mas experimentaes e demonstraveis as suas certezas, elle sabe que as pode transmittir indefinidamente a outros espiritos; e este facto, que lhe denuncía uma basilar similhança de organisação psychica nos homens, fal-o sentir por elles uma diffusa sympathia, que exclue a intolerancia. É-o, depois, porque sabe que os mais rigorosos meios cognitivos podem levar ao erro, quando, por exemplo, deixaram de ser attendidos ou sufficientemente considerados todos os elementos experimentaes de uma questão. É-o, emfim, porque, para se aproximar da verdade nos complexos assumptos em que os crentes attingem de assalto e intuitivamente a certeza, se habituou a exercer a duvida methodica.

Tambem, ao contrario dos homens de fé, inclinados ao movimento e á acção, o scientista é, em regra, eminentemente, senão exclusivamente especulativo. Por um lado, a convicção de que as verdades scientificas,

mercê dos seus mesmos caracteres, cêdo ou tarde acabam por dominar os espiritos, não é de molde a estimular ardores de propaganda; por outro lado, a propria natureza do processo cognitivo, determinando na intelligencia uma intensa accumulação de energias nervosas, que ahi se consomem, como dissemos, acarreta uma sorte de atrophia da vontade. A reflexão é paralysante e inhibitoria; e o emprego systematico da duvida, imposto pelo trabalho scientifico, sobretudo pelo que se exerce sobre assumptos de extrema complexidade, não pode senão exagerar estes effeitos, como, de resto, se constata nas biographias dos grandes pensadores.

Tolerante e contemplativo, o sabio realisa um typo moral opposto ao do crente; e isto nos permitte comprehender porque, emotivamente vivída por este nos clubs, nas praças e nos campos de batalha, a historia tumultuosa e sangrenta de todas as superstições, religiosas e politicas, é o inverso da serena e immaculada historia das sciencias, escripta por aquelle nos gabinetes, nos laboratorios, nas academias e nos congressos.

A licção social a tirar d'este contraste é das mais evidentes. Infelizmente, parece vir longe ainda a hora pacificadora em que ella será aprendida e em que, renunciando a todas as chimeras nascidas do terror, do desejo ou da esperança, os homens comprehenderão emfim que só a sciencia domina sem tyrannisar, que só ella consente progredir sem desordem e evolucionar sem intermittencias regressivas, que só ella permitte conquistar seguramente e sem desillusões a felicidade compativel com o condicionalismo cosmico e social da nossa especie, que só ella, em summa, representa um verdadeiro poder.

Vem distante essa hora redemptora.

A superstição religiosa subjuga ainda milhões de consciencias, provocando nos paizes de mais alta civilisação parciaes movimentos de retrocesso e de barbaria, que nos confundem. A revivescencia mystica do final do seculo passado, tão insufficientemente estudada até hoje nas suas causas, não se extinguiu com elle: hoje, como hontem, o sobrenatural impõe-se obsessivamente, não apenas

ás almas dos ignorantes e dos humildes, onde nunca deixou de ter um altar hereditario, mas a espiritos cultos, onde pareciam havel-o sepultado mais de cincoenta annos de livre exame e de critica.

Demonstrando uma absoluta incomprehensão dos phenomenos de psychologia collectiva, o snr. Brunetière explicou esta renascença religiosa pela *bancarrota da sciencia;* e a phrase, talvez porque é um não-senso, fez a volta do mundo.

A bancarrota consiste na falta de cumprimento de uma promessa fixada n'um papel de credito, e suppõe, portanto, bem evidentemente, um emissor e compradores d'esse papel; ora a sciencia, nunca tendo feito promessas, mas apenas investigações, nunca emittiu papeis de credito, mas verdades a fixar e hypotheses verificaveis a discutir. Que poderia, de resto, prometter a sciencia, se no seu incessante trabalho ella propria desconhece n'um dado momento as conquistas que no immediato realisará, mercê dos seus methodos e dos seus instrumentos? E como poderia ella recorrer ao credito, de

que vivem as religiões, se a demonstração é a sua moeda e se a sua auctoridade procede justamente de não possuir uma outra?

Não; a sciencia nunca fez promessas. Os mesmos numerosos e indiscutiveis elementos de felicidade que lhe devemos e que nos distinguem do homem primitivo e do selvagem contemporaneo, não os prometteu, e nem sequer os annunciou: sam applicações utilitarias e concretas das suas descobertas desinteressadas e especulativas. Todo o dominio, já hoje immenso, do homem sobre a natureza e sobre si proprio, deriva da sciencia; e, todavia, nunca ella se propoz outra coisa que não fosse o modesto e humilde estudo de phenomenos e leis.

É possivel que o snr. Brunetière tenha tomado por sciencia esse lixo pueril de systemas, cada um dos quaes invariavelmente se annuncia como a *unica verdadeira* interpretação do Universo e, portanto, da consciencia e dos destinos humanos. Mas, se assim é, o illustre academico não fez senão calumniar a sciencia, que nada tem, porque só acceita o demonstravel e o verifi-

cavel, com as chimeras da ideação transcendente.

Entre a sciencia, movendo-se nos limites do relativo, e a metaphysica, visando a conquista do absoluto, não só nada ha de commum, mas tudo,—objectos, instrumentos, methodos e processos, é contradictorio e incompativel; de sorte que, se as confunde, como parece, a phrase do snr. Brunetière não passa de um lamentavel indicio de ignorancia e de incapacidade critica.

Mas, se a sciencia, ao contrario do que possam pensar amaveis philosophos do neomysticismo, incessantemente alarga os seus dominios e firma a sua auctoridade, é certo que as religiões possuem ainda e possuirão por largo tempo uma vasta clientella, que certas crises conseguem temporariamente augmentar.

E não sam só ellas que, tyrannisando os espiritos pelo dogma e fascinando as almas pela miragem de uma bemaventurança extraterrena, se oppõem á acceitação immediata e definitiva de um regime social baseado na positividade scientifica.

O maravilhoso, mais extenso que o sobrenatural, domina um numero maior de consciencias; e tudo leva a crêr que o seu imperio será ainda um facto quando as religiões forem apenas uma lembrança. A morte do transcendente não implica a desapparição das chimeras: os deuses vam-se e as superstições permanecem, porque os idolos mentaes renovam-se incessantemente.

É isto o que a historia nos ensina.

O que sam, por exemplo, os famosos principios da Revolução, desviados do seu sentido puramente critico e tomados como entidades, senão idolos novos substituindo velhos idolos depostos?

Foi, decerto, excellente que se combatesse o poder espiritual da theologia em nome da *liberdade da consciencia*, que se atacasse o poder temporal das monarchias, proclamando contra elle a *soberania popular*, e que ás castas da antiga classificação social se oppozesse a moderna *egualdade*.

Mas a liberdade de consciencia, legitima situação temporaria dos espiritos em rebellião contra a theologia, não é um principio

organico, porque naturalmente acaba quando a demonstração começa. Como Augusto Comte lucidamente observou, não ha liberdade de consciencia em astronomia, em physica, em chimica, em biologia; e se ella ainda se invoca a proposito de assumptos sociaes, é apenas porque a sciencia que os estuda se encontra n'uma primeira phase de evolução. Comprehende-se, porém, que, decorrida essa phase constitutiva da sociologia, a liberdade de consciencia ha de tornar-se em politica um tão manifesto não-senso como o é hoje na engenharia, nas industrias ou na medicina, por exemplo.

De resto, o mesmo deve dizer-se da liberdade de acção: como a liberdade opiniativa, ella não passa de uma velha illusão ambiciosa, que o conhecimento das leis physiopsychologicas dissipa.

Um severo determinismo a que nada escapa e de que a sciencia descobre todos os dias uma parcella de extensão, domina o universo. E assim, a liberdade ou se comprehende como a ausencia de obstaculos arbitrariamente impostos pelos governos á

conformação do individuo com as leis biosociologicas de evolução, ou não tem sentido.

A soberania popular, que é nos dominios politicos o equivalente da liberdade de consciencia, vale tanto como esta: efficaz emquanto instrumento de dissolução do antigo regime, não é, em si mesma, senão a formula de um erro grosseiro, consistindo, como Comte observou, em substituir na direcção das sociedades o arbitrio dos reis, theologicamente investidos do direito divino, pelo arbitrio dos individuos, metaphysicamente armados de uma irrisoria infallibilidade electiva. Sem destino depois da dissolução do absolutismo, esta formula degenerou no que Herbert Spencer justamente denomina a *superstição parlamentar* das sociedades modernas.

A ultima consequencia logica d'este principio negativo é o suffragio universal, confiando á ignorancia e á corruptibilidade das plebes a escolha das assembleias legislativas. Feitos á imagem e similhança dos seus creadores, estes novos idolos estam sahindo por toda a parte cada vez mais toscos e

mais cynicos, o que naturalmente explica o reconhecido abaixamento progressivo do nivel intellectual e moral dos governos de todos os paizes. O regime da soberania popular affirma-se, incontestavelmente, pela selecção do mediocre e do arrivista.

A egualdade é ainda, como a liberdade e a soberania popular, uma formula negativa e provisoria; cumprido seu destino critico e dissolvente, que foi o de annullar o absurdo regime das castas, passou a não ter um emprego legitimo. Fóra dos limites juridicos, é apenas uma utopica aspiração de fracos e de impotentes, condemnada pela historia e pelas leis da biologia.

II

A liberdade, a soberania popular e a egualdade, que á civilisação prestaram, como formulas dissolventes da theocracia, um prodigioso serviço, começaram, uma vez tor-

nadas idolos mentaes, a ser-lhe eminentemente funestas.

Do *culto* da liberdade de consciencia nasceu a anarchia mental em que vivemos e que preparou em grande parte, como um dia procurarei demonstrar, a inesperada renascença mystica do final do seculo XIX, que nos reconduziria, se fosse possivel prolongal-a, ao servilismo intellectual da phase theocratica.

Do *culto* da soberania popular derivou, mercê da interferencia cada vez maior da plebe inculta na formação dos governos, um regime plutocratico e centralisador, que é já nos povos latinos uma tyrannia disfarçada e que ámanhã será o mais intoleravel dos despotismos.

Emfim, do *culto* da egualdade combinado com o precedente resultou esse perigoso e contagioso estado mental que Raphael Garofalo chama com rara felicidade *a superstição socialista.*

De facto, emquanto aspiração collectivista fazendo emergir de uma futura equivalencia de condições economicas a definitiva

felicidade humana, o socialismo não passa de uma nova *religião,* sem Deus, é certo, mas com dogmas, com prophetas, com apostolos, com intolerancias, com luctas, com martyres e até com procissões, absolutamente vasada nos persistentes moldes ancentraes das suas irmãs theologicas. Nasce, como o christianismo, de um utopico desejo nivelador das infimas classes sociaes, e tira, como elle, toda a sua força nascente de um velho e inextincto odio do pobre, sempre lisongeado, contra o rico, sempre coberto de ultrages e illaqueado de ameaças; como o christianismo primitivo, recruta os seus sectarios mais enthusiastas na multidão confusa dos imprevidentes e ociosos, que, não sendo a qualidade e a virtude, sam, no entanto, o numero e a maioria em todos os aggregados humanos; como o christianismo dos primeiros seculos, traduz uma reivindicação absurda e fomenta uma lucta barbara dos desherdados, dos incultos e dos grosseiros contra os proprietarios, os instruidos e os educados, tendo por base a unica noção de justiça que os cerebros simplistas com-

portam e que se confunde com a ausencia de differenciação entre os homens.

Ainda uma chimera; ainda uma superstição.

Esta maneira de encarar uma doutrina que se reclama da sciencia, ha de parecer extranha e talvez desdenhosa a muitos dos leitores, que eu aliás supponho exclusivamente recrutados nas classes médias. É que, como Garofalo observou e ulteriormente foi notado por Gustavo Le Bon, ha n'uma parte d'essas classes, tão esquecidas hoje da sua missão historica, uma paradoxal sympathia, embora não isenta de uma parcella de receio, pela doutrina socialista, cujo triumpho inevitavelmente implicaria a sua immediata ruina.

E isto tem uma explicação. Para uma parte da burguezia todos os ideaes *avançados* se synthetisam na palavra ao mesmo tempo vaga e prestigiosa de socialismo, que a sobresalta, é certo, mas que a attrahe. Não sabendo o que está no fundo d'esse vocabulo enigmatico e magico, os burguezes fazem d'elle uma especie de fetiche intellectual condensando em si todas as nobres as-

pirações da alma contemporanea: representando possiveis tempestades inquietantes, o socialismo representa egualmente para elles a virtualidade inebriante da justiça, da paz e do bem estar entre os homens.

E esta é mesmo a razão da tibieza com que sempre combatem as pretensões dos proletarios, ainda quando ellas sam francamente exaggeradas e inopportunas.

Se a burguezia soubesse que o socialismo não representa um ideal avançado, mas uma pavorosa aspiração de retrocesso; se ella attentasse em que, produzindo o nivelamento das classes, a revolução social nos reconduziria a um estado collectivo homogeneo e amorpho, de que sahimos por uma lenta evolução millenaria; se ella conhecesse a historia e soubesse que sempre e em toda a parte — na Grecia, em Roma, na China, em França, na antiguidade e nos tempos modernos, a ephemera victoria das idéas collectivistas foi um desastre para os povos; se ella, vendo como o christianismo egualitario liquidou entre as nações latinas na ferrea gerarchia religiosa e politica do

papado, soubesse que todos os nivelamentos sociaes invariavelmente acabam, como este, n'um despotismo; se ella antevisse que o typo collectivo a que o socialismo pretende reduzir-nos, é, como Herbert Spencer demonstrou, o dos exercitos permanentes, em que a individualidade e a iniciativa desapparecem sob uma rigida e barbara disciplina; se ella, estudando a alma embryonaria das classes inferiores, que o socialismo prepara para a conquista do poder, visse de que atavicos sentimentos selvagens a sua psychologia é formada; se ella soubesse que a passagem do regime actual de concorrencia e de contracto ao de cooperação forçada, para que o socialismo quer levar-nos, é, na phrase justa do grande pensador inglez, a da liberdade á escravidão *(from freedom to bondage)*; se ella conhecesse o despreso dos apostolos socialistas pela intelligencia, cujo trabalho os mais radicaes equiparam ao braçal, medindo-o ás horas, e soubesse o desdem d'esses homens pela historia, cujo depoimento é um constante desmentido irrespondivel ás suas chimericas promessas; se

ella reparasse em que o poder na mão das plebes seria a peior das tyrannias, porque não ha, no dizer energico de Comte, «mais degradante despotismo que o da força destituida de auctoridade moral»; se ella soubesse que, ao contrario do que pretendem os socialistas, a estructura collectiva não modifica a natureza defeituosa dos homens e que, como diz Spencer, não ha em politica «alchimia capaz de transformar instinctos de chumbo em conductas d'oiro», — a burguezia, em vez de secundar, como o está fazendo com as suas transigencias e as suas concessões de todas as horas, um movimento nivelador e regressivo, retomaria o seu papel historico de classe dirigente, defendendo a qualidade contra o numero, a intelligencia contra a força, e promovendo por todos os modos, consciente e energicamente, a supremacia social de uma *élite*. E aos theorisadores socialistas que, em defeza da cooperação, aliás incontestada, não cessam de proclamar a analogia das sociedades humanas com os organismos animaes, responderia que, n'estes, a cooperação cellular não impede a differen-

ciação hyerarchica dos tecidos e dos orgãos, de sorte que, onde um cerebro existe, é elle que superiormente commanda.

Ora este livro, pondo ao alcance de todos os espiritos despreoccupados a demonstração de que o socialismo é antiscientifico nas suas bases, illogico nos seus processos, vulgar e grosseiro nos seus ideaes, pertence ao numero dos que devem, a meu vêr, ser lidos e meditados pelas classes superiores.

Por isso o traduzi, não sem lamentar que atravez da minha barbara penna, exclusivamente preoccupada com a exacta reproducção do pensamento do auctor, se sumissem, como ha dez annos na versão da *Criminologia,* as suas originaes elegancias de fórma.

Entretanto, porque uma ou outra passagem da *Superstição Socialista* me pareceu susceptivel de commentarios, e, sobretudo, porque discordo de alguns dos pontos de vista do eminente escriptor italiano, expostos no ultimo capitulo, julguei do meu dever não omittir os opiniões que professo. D'aqui o meu prefacio.

III

Particularmente empenhado no exame da chimera collectivista, o auctor só muito de leve se occupa do socialismo d'Estado. E, todavia, ao passo que o collectivismo, implicando a suppressão da propriedade individual, que fortes sentimentos defendem, representa um perigo remoto, o socialismo d'Estado, já por toda a parte exercido em maior ou menor extensão, é o responsavel directo de injustiças e desastres actuaes.

Não affrontando nenhum interesse immediato e apparente dos individuos, antes explorando a natural tendencia de cada um a economisar os seus esforços e a esperar do concurso dos outros o que da propria iniciativa deveria resultar, essa fórma de socialismo penetrou sem resistencias no governo dos povos, sobretudo nos da raça latina, em que a idéa e o sentimento do *Estado-Providencia* parecem ser verdadeiros elementos de constituição mental.

Os funestos resultados d'este systema, em que a acção do poder central tende a substituir completamente a do individuo, sam de duas ordens: uma restricção cada vez maior da liberdade pessoal, mercê da incessante regulamentação arbitraria de todas as iniciativas, e uma tributação cada vez mais pesada, mercê das necessidades crescentes dos governos, que a tudo teem de provêr.

Mas estes resultados não sam egualmente sentidos por todas as classes sociaes.

As successivas perdas de liberdade, que constituem uma tortura para o homem de educação, não affectam as plebes, que sempre, como observa G. le Bon, acclamaram enthusiasticamente os Cesares, onde quer que elles surgiram. O que as move, mesmo quando parecem combater pela liberdade, é a utopia egualitaria, emquanto meio de exercer vinganças e represalias; a alma do plebeu é, em regra, a de um escravo ou de um despota. O conceito que as plebes teem de liberdade é precisamente o do socialista

Lafargue, que a define «uma *blague* burgueza».

Quanto á tributação para as despezas geraes de cada paiz, todos sabem como, na realidade, ella incide exclusivamente nas classes elevadas sob as fórmas de contribuição predial, de renda de casa, industrial, de rendimento, sumptuaria e outras, a que o proletario escapa.

Em troca do que d'ellas recebe o que dá o Estado a essas classes em commodidades e direitos? Menos que ao proletario, porque nada lhes concede que não conceda a este, e lhes nega a gratuitidade da instrucção elementar e da assistencia publica nas doenças e na velhice.

Eis uma primeira injustiça do socialismo d'Estado, que d'este modo reedita, com a aquiescencia da burguezia, o regime dos privilegios, agora invertido.

O burguez, que se não casa, em regra, senão quando julga possuir os meios de sustentar uma familia, porque só conta comsigo, é, n'este doce regime, obrigado a contribuir para a educação dos filhos do prole-

tario, que se casa quando lhe appetece e que tem, como é sabido, a fecundidade maravilhosa dos roedores. O burguez, que segura a vida ou colloca as suas economias n'um monte-pio para legar á esposa e aos filhos a independencia, o conforto ou apenas o imprescindivel pedaço de pão quotidiano, é forçado a cercear uma parte d'essa *épargne* sagrada em favor de vagos orphãos proletarios, á sua custa alimentados e vestidos em asilos publicos. O burguez, que, no receio da doença ou da invalidade, separa das suas rendas uma quota parte que o alimentará n'alguma d'estas hypotheses, é constrangido a diminuir essa quota na proporção do que o Estado lhe exige para sustentar albergues, hospicios, asilos e hospitaes destinados ao proletariado. O burguez, que severamente educa os filhos no respeito da lei, é, todavia, quem paga as casas de correção, em que as creanças proletarias se accumulam.

E, assim, a previdencia burgueza, que é uma virtude e uma caracteristica de civilisação, serve para manter a *insouciance* das

classes infimas, que é um defeito e um estigma de selvageria.

Ignorante e vagamente sentimental, a burguezia não vê esta injustiça, não descobre este privilegio; e é ella propria quem, de coração leve, appella para a intervenção do Estado em favor dos proletarios, sempre que uma crise de trabalho, casual ou voluntaria, os opprime. Não a vimos nós na ultima grève do Porto applaudir o procedimento do governador civil servindo de medianeiro entre os industriaes e os operarios, que abandonavam as fabricas n'uma insurreição contra a *tyrannia do capital?* Não a vimos nós, então, desorientada, amparar moral e materialmente os grèvistas e pedir ainda ao Estado, pela voz da sua imprensa, pão para os famintos?

É sempre o *execrado* burguez, o *tyranno* e *infame* capitalista quem, condoído da miseria dos *operarios sem trabalho,* fórça, pelo seu jornalismo, o Estado a conceder-lhes uma occupação e um salario. Mas, se um medico não tem doentes, se um advogado não tem causas, se um plumitivo não encon-

tra editor, se um professor não tem discipulos, se um artista não tem encommendas, elle não pede ao Estado que os alimente. Ácerca d'esses seus irmãos de classe, cahidos em desgraça, o burguez, se acaso attenta n'elles, tem invariavelmente a idéa (nem sempre injusta, mas que lhe não occorre a proposito dos operarios em *chômage)* de que a precaria situação em que se encontram a crearam elles pela propria incapacidade. Nas angustias da lucta pela vida só lhe merecem compaixão os proletarios, que o escarnecem, que o cobrem de injurias e que ámanhã lhe poriam alegremente os intestinos ao sol!

Mas não é apenas injusta a acção do Estado, favorecendo a classe proletaria á custa de todas as outras; o privilegio creado por este regime é ainda economica e politicamente desastroso.

Se aquelles sobre quem pesam exclusivamente as despezas collectivas fossem na realidade os *ricos,* os que, feitos todos os gastos exigidos por uma vida commoda, hygienica e aprazivel, teem ainda um largo ex-

cedente de rendimento, nós poderiamos discutir o direito do Estado a diminuir-lhes esse excedente sem compensações materiaes ou moraes, forçando-os a contribuir para serviços publicos de que não podem utilisar-se, como os de instrucção e de assistencia; mas a ninguem occorreria a idéa de que, procedendo assim, o poder central praticava um acto desastroso. A verdade, porém, é que nas classes tributadas a grande maioria é a dos que apenas possuem o necessario a uma existencia mais do que modesta: pequenos commerciantes e industriaes; pequenos proprietarios e capitalistas; funccionarios mal retribuidos; agricultores de exiguas terras; profissionaes de humilde clientella.

Estes individuos, se sam chefes de familia, não conseguiriam equilibrar o seu modesto orçamento em face das exigencias de uma vida simplesmente hygienica; assim, todas as economias a que os conduz um respeitavel sentimento de previdencia ante as idéas de morte, de doença, de crise ou de invalidade por senectude, sam, indiscutivelmente, realisadas á custa de legitimas neces-

sidades insatisfeitas. Os mais felizes renunciarão aos prazeres intellectuaes da leitura ou aos gosos esthęticos dos theatros, dos concertos, das exposições, prejudicando apenas a sua hygiene mental; menos afortunados e mais numerosos, outros renunciarão ás vantagens de umas pequenas ferias no campo ou á beira-mar e ao conforto de uma ampla habitação, arejada e aquecida; mais humildes e em maior numero ainda, outros, emfim, privar-se-hão dos alimentos, dos vestidos e do repouso necessarios, despenhando-se nas torturas da neurasthenia.

Forçar, sob qualquer pretexto, estes individuos a pagarem serviços que lhes não aproveitam, é exigir-lhes que em favor dos outros restrinjam ainda a satisfação das proprias necessidades, que attentem mais profundamente contra a hygiene pessoal, que reduzam a mesma vida, que lentamente se desfaçam de si!

Mas é n'isto, precisamente, que reside o desastre economico e politico.

Desastre economico, porque o empobrecimento organico, a reducção da vida e a

consequente degenerescencia dos individuos mais cultos, mais educados e mais previdentes, implicam a inevitavel decadencia material de um paiz. Contrariando artificialmente o principio de biologia que na lucta pela existencia concede a victoria aos melhores ou mais adaptados, o socialismo d'Estado faz d'elles os vencidos.

Desastre politico, porque este systema de governar em opposição com as leis naturaes, nos prepara para o collectivismo.

Em primeiro logar, elle inicía um verdadeiro regime de servidão, porque constrange o individuo a trabalhar para os outros, porque o fórça a dar alguma coisa de si sem equivalentes compensações. N'esta ordem social o individuo não se pertence inteiramente; em parte é já da collectividade, é já do Estado. O que lhe é exigido em moeda e se não transforma para elle em serviços, em commodidades, em segurança pessoal ou em direitos constitue uma verdadeira extorsão, analoga, no fundo, á que o senhor inflinge ao servo. Depois, o socialismo d'Estado tem já processos mais directos e mais cynicos de

attentar contra a propriedade individual: taes sam os *direitos de successão*. Ao fim de poucas gerações uma fortuna que os herdeiros não augmentem por qualquer processo, terá desapparecido integralmente nos cofres do Estado, mercê dos tributos que sobre ella pezam nas successivas transmissões. Assim, no paternal regime socialista não é absolutamente meu aquillo que possuo, porque o não posso legar sem que o Estado m'o diminua e m'o cerceie.

Eu sei bem que tudo isto, como nota Raphael Garofalo, não é ainda o collectivismo; é já, todavia, alguma coisa da mesma ordem e do mesmo estylo. Ora, como da servidão ao regime esclavagista a distancia não é grande, eu receio que o accelerado movimento regressivo em que marchamos sob um falso pretexto de humanitarismo nol-a faça percorrer mais depressa do que suppõe o illustre escriptor italiano.

O que hoje se observa nos povos latinos, sobretudo, é uma disposição cada vez mais accentuada por parte das classes dirigentes á passiva acceitação da interferencia do Es-

tado na vida individual; é o que G. le Bon nota na França, Sergi na Italia e que eu com profundissima tristeza observo em Portugal.

Onde nos levará esta lamentavel tendencia, é difficil dizel-o; o que, todavia, se pode com segurança affirmar é que, representando um esgotamento de energias e uma perda de iniciativas, ella constitue um alarmante symptoma d'essa decadencia, que em todos os tempos e em todos os povos foi o preludio inevitavel do despotismo.

IV

Ao *socialismo,* que tem por ideal a inteira e completa absorpção do individuo pela communidade, oppõe-se o *individualismo,* que proclama a absoluta emancipação de cada membro do aggregado social. Emquanto o *collectivismo* é a aspiração regressiva do primeiro, tacita ou confessadamente

auctoritario, a *anarchia* é o ideal utopico do segundo, que se reclama da liberdade.

Ora, como por traz d'estas contradictorias tendencias, que incessantemente se disputam a direcção das sociedades modernas e entre as quaes um vicioso habito mental parece forçar os homens a uma escolha, estam doutrinas que lhes servem de apoio theorico, examinemol-as de perto.

O socialismo, identificando as collectividades humanas com os organismos superiores, estudados pela biologia, affirma que só a sociedade tem uma vida propria, de que é tributaria a de cada um dos seus elementos. Isolado, o individuo morreria; parte constituinte de uma sociedade, vive e persiste. Assim, as obras, os productos do individuo reflectem apenas a vida do organismo em que elle se integra; pertencendo-lhe apparentemente, sam, na realidade, sociaes.

Tudo, pois, no individuo, deve subordinar-se ao proveito collectivo; uma rigida auctoridade é a base da constituição social.

O individualismo regeita absolutamente o criterio biologico, invocado pela doutrina

opposta. A pretendida identificação entre as sociedades humanas e os organismos animaes é, segundo elle, inacceitavel; entre uns e outros ha apenas vagas analogias. Assim se, por exemplo, as funcções economicas de uma sociedade podem comparar-se ás nutritivas dos orgonismos, e as legislativas ás pensantes, não pode, evidentemente, dizer-se que uma sociedade sinta ou morra. Ora, a vida de um organismo que não sente e que não morre, é uma pura ficção. Quem sente e morre, sam os individuos; só elles vivem, portanto, e é da sua vida e da sua reproducção que as sociedades dependem. Só o individuo é real; sam d'elle, pois, e não da sociedade que os aproveita e explora, as suas obras, os seus productos.

Partindo da exclusiva realidade individual, esta doutrina proclama logicamente que só a liberdade, emquanto ausencia de artificiaes estorvos ao desenvolvimento de cada um, pode assegurar e garantir o beneficio de todos ou, o que vale o mesmo, a evolução progressiva das sociedades. Assim, toda a lei, representando uma restricção da

liberdade, é um mal, que devemos evitar ou remover. A civilisação é inversamente proporcional ao desenvolvimento e extensão da auctoridade: o povo idealmente civilisado seria, pois, aquelle em que não houvesse governo e em que não existisse legislação.

O simples ennunciado das duas doutrinas, tal como acabamos de fazel-o, reportando-nos ás suas linhas essenciaes, permitte reconhecer que nos encontramos em face de theorisações metaphysicas.

De facto, como acaba de vêr-se, as duas doutrinas começam por estabelecer entre a *sociedade* e o *individuo* uma absurda opposição, que logo denuncía o habito mental de tomar abstracções á conta de realidades.

Qualquer que seja o nosso conceito de sociedade, é-nos radicalmente impossivel concebel-a sem individuos; qualquer que seja o nosso conceito de individuo, nós não podemos figural-o isolado sem, por este facto, o reduzirmos immediatamente á cathegoria, destituida de interesse para ambas as doutrinas em questão, de simples ser biologico.

Comparar as sociedades humanas a organismos differenciados e affirmar ao mesmo tempo, como fazem os socialistas, que os individuos só por ellas vivem, é precisamente esquecer que nos animaes superiores a solidariedade funccional se torna, mercê da hyerarchia hystologica, de tal modo profunda que a morte de algumas cellulas arrasta por vezes a do todo. Assim, só um assombroso desconhecimento da biologia pode explicar da parte dos socialistas a opposição que se permittem estabelecer entre a collectividade, tomada como organismo, e o individuo, considerado seu elemento.

Mas não é menos extranho que os individualistas tentem manter a absurda opposição, sob pretexto de que o homem pode viver, ainda quando separado e independente da sociedade. Este argumento relembrado por Garofalo parece-me não só destituido de valor, mas contraproducente.

Sim; decerto o individuo pode viver isolado por algum tempo, e não é uma lenda, como Ferri affirma, o caso de Robinson. Mas, n'esta hypothese, que é a da mais

absoluta liberdade, o individuo offerece apenas um interesse biologico. É então o *homo erectus* da zoologia, e mais nada: vive, mas só como animal e de um modo incompleto, —decahindo, regressando. Apparentemente senhor, é, no fundo, um escravo de tudo quanto o cerca; e a sua liberdade, não lhe servindo para remover os obstaculos que se oppõem ao seu desenvolvimento e que só pela cooperação podem ser vencidos, é a causa mesma da sua ruina.

Assim, de que o homem pode excepcionalmente viver por si mesmo e solitario, nada é licito concluir em beneficio do individualismo; o espectaculo d'essa mesquinha vida isolada, tal como a sciencia nos permitte figural-a, é antes favoravel á these socialista.

Mas a verdade é que não passa de um absurdo a pretendida opposição entre a sociedade e o individuo.

Creada pelos metaphysicos do seculo XVIII, que phantasiaram para o homem um *estado de natureza*, de que o *estado social* seria uma degeneração, essa antinomia pue-

ril, que os factos desmentem, apenas tem servido para encobrir o que ha de positivo nas doutrinas incompletas do socialismo e do individualismo, como para dar uma apparencia de contradicção ás noções correlativas de auctoridade e liberdade.

Definidos os termos, analysados os conceitos, todas as verdades parciaes se fundem, e o que parecia inconciliavel denuncia-se interdependente.

Quando nos affirma que tudo o que existe de grande na ordem do pensamento, como na esphera das utilidades,—nas sciencias, nas artes, na philosophia, nas industrias, é obra de poucos homens, para quem a nossa admiração será sempre exigua, e minusculo o nosso respeito, o individualismo enuncia uma incontestavel verdade. Mas, se d'ella deduz que só esses homens teem um real valor e que as sociedades em que elles nasceram não fazem senão viver parasytariamente do seu esforço, o individualismo desvia-se da logica e affirma um erro grosseiro, cuja facil critica servirá os interesses do socialismo.

Sim, dirá este: os genios scientificos, artisticos, philosophicos e industriaes sam tão grandes e valem tanto que d'elles, incontestavelmente, deriva todo o progresso humano. E, comtudo, as anonymas sociedades dentro das quaes se crearam e que na historia brilham da sua luz reflectida, forneceram-lhes não só todos os elementos materiaes de vida, mas todos os elementos moraes de cultura, —todos os factos, todas as idéas, todas as noções, todos os principios de que elles se aproveitaram para lançar uma verdade nova, um novo ponto de vista, uma descoberta, um invento. Sim; os homens de genio sam collossaes, porque sam creadores. E, todavia, porque a creação não consiste em tirar alguma coisa do nada, mas em transformar e combinar preexistencias, esses homens não teriam vivido e seriam mesmo inconcebiveis sem essas vagas e obscuras sociedades no meio das quaes surgiram e que lhes collocaram nas mãos todos os materiaes das suas construcções luminosas.

Esta critica é irrespondivel; sómente, as exactas noções que ella põe em relevo não

comportam a conclusão socialista de que a vida pertence á collectividade, mas est'outra, positiva e experimental:—que entre o individuo e a sociedade se realisa uma troca incessante, uma permuta contínua de energias.

Ora, este solido conceito, nem socialista, nem individualista, em que as verdades parciaes de duas doutrinas apparentemente oppostas se completam e se fundem, é apenas um aspecto do principio geral que faz de todo o individuo um producto de dois factores: a *hereditariedade* e o *meio*.

Quando o individuo é o homem, ser biologico, mas ao mesmo tempo e sobretudo historico, o meio é cosmico, mas simultaneamente e principalmente social. Cosmico, porque, emquanto ser organisado, o homem não pode inteiramente emancipar-se do condicionalismo que subordina os seres vivos; mas principalmente social, porque é da cooperação dos outros homens que elle tira as forças com que modifica em seu exclusivo proveito esse rigido condicionalismo, e é tambem á cooperação que elle deve as rapidas variações progressivas que o distinguem de

todos os organismos e exclusivamente lhe dam direito á designação de historico.

Assim, para o homem a sociedade não é o todo de que elle constitue a parte, como simplistamente se tem dito, comparando a nossa com as immutaveis e improgressivas collectividades animaes, nem ainda, como phantasiosamente se tem affirmado, um organismo vivo, em que elle representa a cellula, mas precisamente o seu *meio*.

O outro factor de producção dos individuos é a hereditariedade, que lhes transmitte não só os caracteres especificos, mas ainda as ancestraes variações impostas pelo meio, desde que ellas sam bastante profundas para constituir uma vantagem, uma adaptação. Exclusivamente conservadora nos individuos sujeitos a um meio insusceptivel de rapidas e extensas variações, a hereditariedade torna-se collaboradora da evolução desde que o meio é a sociedade, mudavel a cada instante. As plantas e os animaes não submettidos a artificios de cultura e creação, só variam muito lentamente; limitando-se a repetir durante periodos de enorme extensão

os caracteres especificos, sam homogeneos. Os homens, pelo contrario, sam heterogeneos e cada vez mais differenciados, porque a hereditariedade lhes transmitte as incessantes variações impostas aos ascendentes pelo meio social,—que é, tomado em toda a sua extensão, o conjuncto de vivos e mortos, de presentes e passados.

A hereditariedade é na formação do individuo um factor subordinado ao meio. Dizer, pois, de um homem que elle deve mais á herança que á sociedade, só é admissivel quando por este ultimo termo designamos exclusivamente os individuos com quem elle está em contacto e de quem soffre uma influencia directa; considerando, porém, a sociedade na sua exacta extensão, é o contrario que deve affirmar-se, porque a herança não faz senão transmittir ao individuo as aptidões creadas pela acção mesologica e accumuladas nos progenitores. A hereditariedade não estabelece entre os homens uma tão perfeita continuidade moral que cada um d'elles póde considerar-se uma *étape* evolutiva de qualquer dos mortos de sua serie ancestral, se-

não porque cada individuo de uma serie soffre a acção modificadora de individuos d'outras series ou, o que vale o mesmo, do meio social.

Assim, se o individuo trabalha para a sociedade — e tanto mais proveitosamente quanto mais vastas sam as suas aptidões, a sociedade trabalha para o individuo, promovendo o seu constante aperfeiçoamento, a sua incessante differenciação.

Feito de incompletas verdades affirmadas pelo individualismo e pelo socialismo, este conceito positivo é egualmente desfavoravel, comtudo, ás duas theorisações.

Mas não menos absurda que o famoso contraste entre sociedade e individuo, é a pretendida opposição entre auctoridade e liberdade.

Quando nos affirma que o sensivel predominio da vontade collectiva sobre as iniciativas individuaes denuncía o atrazo de um povo, o individualismo affirma uma verdade de que a historia não permitte duvidar, porque nos mostra que a evolução humana se realisa da escravidão para a liberdade. Mas,

se d'esse principio deduz que toda a lei é um mal e uma causa de retrocesso, porque representa uma imposição da vontade collectiva, o individualismo reedita sob um novo aspecto a antinomia que vimos de criticar.

É certo que na medida em que progride o homem dispensa a tutella de um poder, quer o consubstancie um chefe militar, como nos *clans* primitivos, quer um rei, como nas monarchias, quer um governo parlamentar, como nas republicas. Idealmente civilisado, o individuo prescindiria de uma regulamentação qualquer da sua conducta, sempre e apenas subordinada a principios emanados da sciencia; o seu natural regime seria, pois, sem exclusão da mais completa solidariedade social, a anarchia.

Perfeitamente; mas se esse estado de civilisação está tão longe de nós que apenas podemos imaginal-o, é absurdo suppôr que nos aproximaremos d'elle, começando por destruir desde já um regime que a nossa actual inferioridade faz necessario. Porque um homem culto, escrevendo a sua lingua, pode prescindir de um diccionario e de uma

grammatica, desaconselharemos o uso d'estes livros nas escólas? Porque o adulto marcha desamparado, deixaremos de proteger os primeiros passos de nossos filhos? O simples bom senso permitte responder. O homem culto prescinde de um diccionario e de uma grammatica, precisamente porque, antes de o ser, manuseou longamente estes livros; o adulto marcha desamparado, porque aprendeu a fazel-o em creança por successivos ensaios em que foi auxiliado. O desuso dos livros implicaria a incultura; e uma desastrosa queda na infancia poderia produzir a impossibilidade futura de marchar.

Uma lei é um instrumento social que um povo pode exigir ou dispensar, segundo o seu grau de aperfeiçoamento psychico. N'um paiz em que todos conhecessem a hygiene, a legislação sanitaria seria, pelo menos, inutil; n'um paiz em que todos tivessem dos seus deveres um sentimento profundo, a legislação penal seria um ultrage. E, todavia, porque o conhecimento da hygiene pertence a uma pequena minoria em todos os povos e porque em todas as sociedades actuaes ha

delinquentes, as legislações sanitaria e penal, longe de constituirem males ou mesmo superfectações, sam necessarias e imprescindiveis.

Argumentar contra a lei, porque ella representa uma restricção da liberdade individual, é esquecer que essa restricção pode não ser senão apparente. Impedindo-me de praticar um acto ou constrangendo-me a praticar um outro, uma dada lei pode servir os meus reaes interesses, que eu desconhecia, collocar nas minhas mãos instrumentos de acção sobre a natureza, que eu proprio ignorava, e dilatar, portanto, a minha liberdade. Este é o caso das leis sanitarias e, de um modo geral, de todas as que se inspiram na sciencia.

Decerto, como Spencer demonstrou em paginas de uma abundante documentação, que a nossa cretinagem governativa seria incapaz de comprehender, é um mal, por vezes immenso, toda a lei dictada pelo empirismo, como quasi sempre é um desastre a prescripção medica de um charlatão. Mas a lei que praticamente traduz principios de

sciencia e não faz senão impôr aos ignorantes e aos malevolos o que os instruidos e os bons espontaneamente acceitam, essa serve ao mesmo tempo os interesses de todos e de cada um. A sua oppressão é apenas apparente; e a sua auctoridade é tão incontestavel como a da sciencia em que se inspira.

Nós dissemos que, tomado em toda a sua extensão, o meio social é o conjuncto dos vivos e dos mortos, dos presentes e dos passados. Mas quantos individuos experimentam na realidade as influencias d'este vasto meio? Evidentemente, muito poucos: só os mais perfeitos, só os mais differenciados das raças superiores. Os outros vivem apenas dentro de minusculas parcellas d'esse meio. A inadaptação dos selvagens á vida complexa e ás exigencias da civilisação moderna é tal que, como se sabe, elles succumbem e desapparecem, nos seus proprios paizes, em face das raças superiores. Mas, dentro mesmo da raça branca, dentro mesmo d'esta velha Europa, ao nosso lado, fallando a nossa lingua, usando os nossos vestidos, quantos sam os individuos de quem possa

dizer-se que experimentam a influencia directa dos genios extinctos ou vivos? Indiscutivelmente, apenas os que, mercê de uma larga cultura litteraria, pertencem a todos os paizes e se reclamam das conquistas intellectuaes de todas as epochas. Os outros, a maioria, o immenso numero, vivem confinados no tempo e no espaço, alheios a tudo o que não seja o seu immediato e proximo interesse material.

A acção evolutiva que estes pobres seres, indifferenciados e inferiores, recebem do meio social, é apenas a que dimana dos intellectuaes, verdadeiros accumuladores de energias civilisadoras. Trabalhando para a formação de uma *élite* social, que seria impossivel sem ella, a plebe indemnisa-se, recebendo em troca um influxo progressivo, graças ao qual sam possiveis as actuaes collectividades humanas, a despeito dos seus tão heterogeneos elementos.

Mas não será a lei o mais seguro instrumento d'essa troca? Surprehendendo a marcha do espirito humano e os principios da sua evolução, a *élite* tradul-os em leis a que

a plebe se subordina. No fundo, pois, a auctoridade a que esta obedece, é a mesma que domina a *élite.*

E assim, a auctoridade da lei, que é a da sciencia, representada pelos seus interpretes, não pode oppor-se á liberdade social, que não é, no seu sentido positivo, senão a ausencia de artificiaes estorvos á conformação do individuo com os principios biosociologicos da evolução.

V

Os batalhões collectivistas sam principalmente formados á custa dos vencidos na lucta pela vida ou, para nos servirmos de um termo feliz de G. le Bon, dos *inadaptados.* Devendo a sua miseria ao regime de concorrencia, em que apenas triumpham os mais capazes, é natural que esses seres inferiores, cada vez mais numerosos nas sociedades contemporaneas, desejem vêr des-

truida uma ordem social que implacavelmente tende a eleminal-os.

Ora, estes individuos podem, segundo o notavel publicista francez, repartir-se por tres cathegorias. A primeira é formada pelos operarios inhabeis e preguiçosos, constrangidos á execução de trabalhos infimamente remunerados; a segunda, pela vasta massa dos degenerados, devendo a sua irreparavel inferioridade a doenças hereditarias; emfim, a terceira, cada vez mais accumulada, pelos que devem a sua inaptidão, artificial e toda relativa, a uma educação viciosamente dirigida.

Diversos pelas origens, todos esses desherdados se equiparam na miseria e no odio contra a sociedade. A concorrencia, que é a formula social da lei biologica da lucta pela vida, creando inevitavelmente, pela selecção dos melhores, uma aristocracia trabalhadora, que os afasta e que os esquece, é o espectro d'essa escumalha. Porisso instinctivamente se reunem, se aggremiam sob a bandeira collectivista, e, como sam fortes pelo numero, se aprestam para a grande batalha niveladora,

—unica para que teem capacidade, porque apenas exige esforços de destruição.

D'estas tres cathegorias de inadaptados, mais schematicas do que realmente distinctas, só a ultima nos interessa no momento.

Sáem da pequena burguezia, em regra, os soldados d'este contingente socialista, que todos os dias augmenta e que é o mais temivel, porque dispõe de certos recursos mentaes e conta, sobretudo nos povos latinos, com o prestigio da posição. Estes sectarios veem das escólas e constituem o que por toda a parte se denomina o *proletariado intellectual*: sam medicos, advogados e engenheiros sem clientella, artistas sem encommendas, professores sem discipulos, politicos sem cotação, plumitivos sem leitores, candidatos preteridos á burocracia, n'uma palavra, todos os *déclassés* das camadas superiores. Fructos de uma educação, que, tirando-os de uma esphera humilde, lhes fez crear desejos e ambições incompativeis com a propria capacidade, sam esses os formidaveis *meneurs* das hostes socialistas. Amargurados, desilludidos, repletos de inconfessaveis inve-

jas, sam esses os verdadeiros e perigosos agitadores das multidões proletarias, cujos peiores sentimentos lisongeiam, prégando-lhes a inversão da formula positivista, segundo a qual nas livres sociedades modernas importa substituir *a tumultuosa reivindicação de direitos* pela *tranquilla e serena execução dos deveres.* Penetrando na imprensa e nos clubs, armados de uma triste aptidão verbosa, que aos humildes se affigura um indicio de superioridade, sam elles os que desorientam as plebes e n'ellas cultivam, pela mais vil das adulações, o odio contra a sociedade proprietaria e capitalista.

Esta cathegoria de inadaptados, largamente representada nos paizes latinos, está reclamando um attento e minucioso estudo analytico, similhante ao que em psychiatria se fez para os *perseguidos-perseguidores.*

Evidentemente, não é congenita e absoluta, como nas duas primeiras cathegorias, mas artificial e relativa a incapacidade que distingue os proletarios intellectuaes e que procede apenas de um desequilibrio entre os seus naturaes recursos e as ambições de-

terminadas por uma impropria e inadequada educação litteraria.

Estes revoltosos sam, em regra, filhos de honestos e pacificos agricultores, de sagazes merceeiros estimados no seu bairro, de zelosos burocratas subalternos, de tranquillos mercadores. D'esta procedencia, intellectualmente inferior, herdaram cerebros de estreita envergadura, de pequena permeabilidade, sem tendencias definidas, sem o vinco hereditario de altos interesses do pensamento. Collocados nas carreiras dos seus humildes progenitores, teriam sido modestas utilidades sociaes, com um logar seguro e garantido na existencia; desviados pela estulta ambição familial, d'esses caminhos planos e faceis para as ingremes e offegantes ladeiras das profissões liberaes, chegaram ao cabo exhaustos, combalidos, a custo segurando nas mãos um pobre diploma, que a concorrencia dos mais habeis lhes tornará inutil na vida. E, no emtanto, durante a sua penosa ascenção para a mediocridade, essas pobres almas encheram-se de sonhos, de aspirações, de vastos desejos ir-

realisaveis. É acaso para extranhar que sinceramente odeiem a sociedade actual e se alistem entre os seus inimigos?

A instrucção, em que um preconceito moderno pretende vêr o remedio para todos os males sociaes, só pode com vantagem ser ministrada em altas dóses a cerebros preparados por uma cultura hereditaria; distribuida a espiritos impredispostos, é um verdadeiro toxico, servindo apenas para crear esses *déclassés* ao mesmo tempo ridiculos e miserandos, que serão talvez a ruina das democracias em que nasceram e contra as quaes furiosamente conspiram.

Tal como nos paizes latinos se ministra, o ensino secundario é ainda um vasto machinismo productor de incapazes e descontentes. Gastando as energias mentaes da juventude na acquisição de conhecimentos pela maior parte inuteis á vida, viciando a intelligencia pela imposição de methodos archaicos, hypertrophiando a memoria á custa das outras funcções do cerebro e, o que é mais grave, extinguindo toda a iniciativa pela estreita regulamentação da vida inteira do

alumno, que se não pertence, mas á escóla e á sua rigida disciplina, tão pesada como a das casernas, esse triste ensino não prepara fortes cidadãos para as asperas luctas da vida, mas candidatos aos suaves e faceis empregos do Estado. Precocemente gastos, com os seus pequenos cerebros atulhados de declinações latinas, de formulas algebricas, de datas historicas, de nomes de monarchas, de todo um microcosmo de coisas inapplicaveis, que outra aspiração podem ter esses prodigiosos moços sahidos dos lyceus? Exhaurindo-os e aristocratisando-os, a educação livresca prepara-os naturalmente para o dôce parasytismo burocratico, eterno ideal de todos os impotentes. Mas, por muito que os multiplique a sollicitude paternal dos governos, nunca os empregos publicos serão sufficientes para os candidatos. E assim é que a massa dos descontentes, socialistas d'ámanhã, continuamente engrossa.

Pelo seu lado, o ensino elementar, que devera ser, sobretudo, uma iniciação pratica da intelligencia nos methodos cognitivos e uma educação do caracter, não é nos paizes

da raça latina mais que uma primeira tentativa de viciação mental. Intellectualmente, com effeito, fazendo decorar manuaes, esse ensino começa apenas a obra de hypertrophia da memoria, que o lyceu e as escólas secundarias proseguirão; moralmente, não faz senão crear na infancia cegos habitos de obediencia e de rotina.

Reformar absolutamente este ensino, dando-lhe um preponderante caracter educativo e tornando-o uma disciplina da intelligencia e da vontade, essa seria a grande obra defensiva das sociedades modernas contra a efficacia de retrogradas tentativas socialistas.

Mas de modo nenhum no sentido e segundo a orientação propostos por Garofalo, de quem abertamente me separo n'este ponto.

Como no ultimo capitulo d'este livro se verá, quereria o auctor que o ensino elementar fosse religioso, sob pretexto de que só assim elle seria moral. Eu cito o proprio texto italiano: «L'insegnamento morale non ha senso, o per lo meno, non ha efficacia senza una base religiosa, dico di più, senza le *emozioni* provocate dai misteri della religione». E,

mais adeante, fallando na escolha dos mestres: «Bisogna cercali fra gli uomini di età matura e padri di famiglia, o fra i ministri del culto...»

É contra esta doutrina, que me repugna como pensador, como cidadão e como pae, que eu protesto com todas as minhas energias. E não o faço pelo receio de que alguem me julgue solidario com o auctor n'esta ordem de idéas: as primeiras paginas d'este prefacio bastariam para dissipar qualquer equivoco a tal proposito. Faço-o, porque julgo a doutrina do ensino religioso nas escólas não só perniciosa e falsa, mas inconsequente com a vigorosa critica do auctor ao socialismo.

Essencialmente evolucionista, a moral não pode estar na dependencia de uma religião, sempre, qualquer que ella seja, immutavel e improgressiva. Temporariamente alliadas, a moral e a religião acabam inevitavelmente por dissociar-se a partir do momento em que o caracter dogmatico e definitivo d'esta se torna incompativel com a sciencia, de que aquella se reclama; e é

mesmo por essa dissociação, transformada n'um evidente divorcio, que os progressos do espirito humano se veem realisando ha seculos. De resto, não é preciso consultar a historia para reconhecer o erro da doutrina que faz solidarias duas tendencias, pelo menos independentes; basta considerar que a absoluta irreligião de muitos pensadores os não impede de serem os mais honestos homens do mundo, como, em sentido inverso, a caracteristica religiosidade da maioria das prostitutas e dos criminosos os não afasta de uma conducta antisocial. Um facto interessante a este proposito e que todos os dias se observa na clinica psychiatrica é que a regressão mystica de certos alienados, honestos e indifferentes em materia religiosa antes da doença, coincide com a inesperada apparição de tendencias crueis, eroticas ou kleptomanas.

Não; as emoções moraes nada teem que vêr com os mysterios d'esta ou d'aquella religião, como nada teem que vêr com os seus dogmas ou com os seus preceitos as idéas que o meu cerebro, educado ou inculto, su-

perior ou inferiormente conformado pela herança, possa fazer da justiça, da honra, do desinteresse.

De resto, como se concebe que as gerações d'ámanhã se libertariam da *superstição socialista* pela educação religiosa, se o christianismo egualitario e nivelador é, elle mesmo, doutrinaria e historicamente a apologia do collectivismo?

Porto—Janeiro de 1904.

JULIO DE MATTOS.